

A formação histórica do Acre, de Leandro Tocantins*

Carlos de Meira Mattos**

O historiador e sociólogo Leandro Tocantins, nascido em Belém, criado no Acre, tornou-se reconhecidamente uma expressão autêntica e pura da literatura amazonense. Sua produção livresca numerosa percorreu a História, a Geografia, a Sociologia e quase todos os gêneros da Literatura – o romance, a prosa, a poesia, os contos infantis – sempre versando sobre a sua querida Amazônia.

Como todo grande escritor, que acaba tendo seu nome associado a um ou dois de seus livros de maior repercussão, isso também aconteceu com Leandro Tocantins. Quando dele nos lembramos, logo nos ocorrem dois livros extraordinários, marcos de sua inteligência, de sua cultura polimorfa e de seu extremado amor à nossa Amazônia – *O Rio Comanda a Vida e Formação Histórica do Acre*.

O primeiro, lançado em 1952, nos verdes anos do jovem autor, prefaciado por outro amazonense, notável historiador e cientista Arthur Cezar Ferreira Reis, já alcançou nove edições. Mas nós escolhemos, para homenagear esse nosso talentoso confrade, um dos mais ilustres membros deste Instituto Histórico e Geográfico, há poucos meses falecido, a apresentação do seu livro consagrado pela mais abalizada opinião da maioria de nossa intelectualidade, *Formação Histórica do Acre*, lançado em 1961, hoje, na quarta edição.

A epopéia acreana descrita pelo amazonólogo Leandro Tocantins revela o que foi, no final do século XIX e alvorecer do século XX, a luta titânica daqueles heróis seringueiros vindos do Nordeste, a maioria do Ceará, atraídos pela

mística do “Eldorado” prometido pela valorização da borracha, penetrando e vivendo na terra de ninguém, selva desabitada, inóspita de uma região onde as fronteiras políticas ainda não haviam chegado, surpreendidos subitamente a se submeter à autoridade boliviana. O nosso saudoso historiador Arthur Cezar Ferreira Reis, que tanto ilustrou este Instituto, no Prefácio da quarta edição de *Formação Histórica do Acre*, assim sintetiza a peleja homérica dos seringueiros acreanos: “Eles forjaram o Acre, forjaram sem que o Estado brasileiro tivesse planejado a ocupação da terra e a mobilização daquelas energias estudantes (...) ao comando de chefes improvisados, mas tomados por acentuado desejo de não perder a nacionalidade sob que haviam nascido, lutaram, de armas na mão, para manter-se fiéis ao Brasil.”

Segundo o mestre Gilberto Freyre, a arte de Leandro Tocantins de escrever sobre a Amazônia “é animada daquela ciência que espande na arte de Euclides da Cunha”. *Formação Histórica do Acre* é, ao mesmo tempo, uma obra-prima de História, Geografia, Sociologia, Diplomacia e Humanismo, riquíssima em pesquisa realizada pacientemente em nossos museus e em museus de Portugal e dos Estados Unidos.

Foi galardoada, pela Academia Brasileira de Letras, com o prêmio Joaquim Nabuco de História Social; escolhida pelo Senado Federal para uma reedição especial; e incluída na Coleção Brasil 500 Anos.

Por ocasião das comemorações do centenário de nascimento do Plácido de Castro, intrépido

* Palestra realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 15 de setembro de 2004.

** O autor é General-de-Divisão, historiador, membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil – IGHMB.

do gaúcho que tanto se destacou nas lutas dos acreanos, o livro *Formação Histórica do Acre*, por proposta do saudoso historiador Pedro Calmon e apoio entusiástico do Ministro Jarbas Passarinho (outro acreano ilustre), foi incluído entre as obras clássicas selecionadas pela comissão presidida por Calmon.

Sobre os méritos dessa obra preciosa de Leandro pronunciaram-se as mais destacadas personalidades da intelectualidade brasileira, entre eles, Cassiano Ricardo, Gilberto Freyre, Pedro Calmon, Américo Jacobina Lacombe, Arthur Cezar Ferreira Reis, Rachel de Queiroz, Jarbas Passarinho, João Guimarães Rosa, Érico Veríssimo e José Américo de Almeida, e ainda estrangeiros, como Vitorino Nemésio, Jean Soublin e Bradford Bruns.

Vamos tentar apresentar um resumo dessa obra.

O livro

Esse livro de Leandro Tocantins projetou-o como historiador. Arthur Cezar Ferreira Reis, quando prefaciou a primeira edição, em 1961, não quis chamá-lo ainda de historiador; disse-o ensaísta. Creio que hoje o professor não hesitaria em reconhecer as qualidades de historiador reveladas pelo autor de *Formação Histórica do Acre*.

Distingue o historiador o espírito de pesquisa. Não se contenta na repetição da história dos outros. Mergulha nas bibliotecas, rebusca velhos arquivos, compulsua manuscritos, procura chegar às origens do ato e da verdade. Assim fez o paraense Leandro Tocantins, vinculado ao Acre por tradições de família e porque viveu lá sua meninice.

Quando publicou sua *Formação* em 1961, outros brasileiros e escritores ilustres já se haviam interessado pela palpitante epopéia dos nossos nordestinos (100.000 segundo Euclides da Cunha), tangidos pela seca e movidos pelo espírito aventureiro, que se embrenharam nas lonjuras selváticas e desconhecidas dos rios Purus e Juruá, atraídos pela valorização da borracha. Mas, Leandro Tocantins não se contentou com a leitura livresca. Embarafustou na pesquisa, foi em busca das “ori-

gens remotas dos fatos”, como ele mesmo diz no seu Prefácio, enveredou-se pelos arquivos de nossas bibliotecas, de bibliotecas norte-americanas, até que, nesse afã de busca e pesquisa, encontrou, no Instituto Arqueológico de Pernambuco, um achado precioso - o arquivo pessoal do espanhol Luiz Galvez Rodrigues Arias -, documentos nunca antes compulsados e que trouxeram a lume fatos e episódios inéditos relacionados à vida e à administração do primeiro presidente do Estado Independente do Acre, proclamado a 14 de julho de 1899.

Essa figura interessantíssima do espanhol Luiz Galvez, primeiro presidente da República do Acre, antes controvertida e obscura (no dizer de Ferreira Sobrinho, autor de *Quatro Insurreições Acreanas*), colocada na chefia do governo justamente por sua nacionalidade e conseqüente isenção de responsabilidade perante o Governo brasileiro, que se opunha à insurreição armada dos nordestinos do vale do Purus, únicos habitantes daquelas paragens, é exumada por Leandro Tocantins e projetada em toda a sua força histórica. Nisso, Leandro foi indiscutivelmente inédito.

A compreensão dos fatos históricos, como diz Toynbee, exige a reconstituição “do campo inteligível que o gerou”. Na procura desse campo, nas bibliotecas de Washington, na Library of Congress e Smithsonian Institute, Leandro Tocantins deparou com novas fontes: a história das primeiras aplicações da borracha pelo novel parque industrial norte-americano, razão de sua valorização e causa da internação dos nordestinos nas brenhas do Purus, do Acre e do Juruá. Encontrou também outros inéditos relacionados com o arrendamento do Acre, pelo governo de La Paz, à Bolivian Syndicate, empresa de capitais norte-americanos e europeus. Isso representa o perigo da implantação, no âmago da selva amazônica, de uma das famosas Chartered Companies, então em voga na Europa para a colonização da África. A situação chegara ao intolerável. Brasil e Peru protestaram junto ao governo de La Paz, e começou a mudança da posição brasileira, já com

Rio Branco à frente do Itamarati. Daí saiu a solução que resultou no Tratado de Petrópolis.

Nesse livro, as figuras de Plácido de Castro (gaúcho de São Gabriel como o Marechal Mascarenhas de Moraes), o grande líder e comandante dos nordestinos do Acre, já biografado de forma brilhante por Cláudio de Araújo Lima, e a do notável estadista Barão do Rio Branco assumem dimensões grandiosas, colocadas pelo autor “no universo inteligível do fato histórico acreano”.

A comissão para as comemorações do centenário do nascimento de Plácido de Castro, reeditando a *Formação Histórica do Acre*, presta um serviço valiosíssimo à cultura brasileira.

Apreciação sobre a formação histórica do Acre

Não seria justo encerrarmos esta apresentação sobre o livro matriz de Leandro Tocantins sem reproduzirmos alguns dos conceitos que essa obra recebeu de Cassiano Ricardo e Guimarães Rosa e um retrato do escritor Gilberto Freyre.

Cassiano Ricardo, autor de *Marcha para o Oeste e Martim Cererè*, declara que “*Formação Histórica do Acre* vai figurar entre as melhores obras de revelação e de interpretação de situações brasileiras. Como o Sertão Baiano teve *Os Sertões*, o Sul do Brasil, *Populações Meridionais do Brasil*, o Nordeste, *Casa Grande e Senzala*, o Sudeste Amazônico tem, agora, *Formação Histórica do Acre*. Com a mesma força telúrica, a mesma riqueza de fatos, a mesma originalidade em técnica de narrativa e análise, a mesma extensão histórica e social, a mesma substância sociológica, as mesmas antecipações em divulgar documentos inéditos e essenciais à nossa historiografia, o mesmo bom gosto no estilo literário, o mesmo tom, assim como romanesco, o livro é uma grande saga, não só acreana, mas amazônica, que se lê com a impressão de romance épico.”

Nas palavras de Guimarães Rosa, “não é de admirar o manejo poético no palco das luzes dos livros de Leandro Tocantins. Alguém entoa

lirismo na sua prosa. E a poesia que agora surge, notícias novas em estribilho encantado. *Formação Histórica do Acre* é assim, e sobretudo, um guia seguro, de brilho raro, da história social do que se costuma dominar nosso ‘Extremo Oeste’ e uma galeria ressoante de fatos da correta diplomacia brasileira, conduzida pela inteligência e habilidade do Barão do Rio Branco.”

Gilberto Freyre, sobre o escritor, no prefácio de *O Rio Comanda a Vida*, terceira edição, considera: “Leandro Tocantins revive o escritor brasileiro voltado para as paisagens e gentes amazônicas. Paisagens e gentes surpreendidas à luz do sol dos trópicos. Sem abafos. Vistas nos seus verdes violentos e nos seus morenos tanto de cor de água nunca convencionalmente azuladas, como de cor de gentes nunca convencionalmente cor-de-rosa. São morenos tropicais brasileiros, amazônicos, os que esse escritor amoroso de sua região e de sua província vem fixando em páginas que, sendo literárias, não deixam de ser animadas por um tanto daquela ciência que espande na arte de Euclides da Cunha. Um Euclides que sempre juntou ciência à arte de escritor. Mestre, portanto esclarecedor, o grande Euclides, seguido agora por Leandro Tocantins com um engenho a que não falta um modo pessoal de ser engenho. Pessoal só não, personalíssimo. Que o diga sua arte de escrever sobre a Amazônia não só para prolectos como para crianças. Para meninos que são hoje, em várias partes do Brasil, novas expressões do menino que ele foi dentro dos verdes amazônicos e à beira de águas de rio brasileiro como o Amazonas, tão brasileiro nas suas mais que titânicas núpcias com as terras de uma nação.”

Numa síntese do que representou para o Brasil esse valiosíssimo livro, lançado em 1961, repetiremos aqui a opinião de Arthur Cezar Ferreira Reis, que o considerou a melhor credencial de identidade recebida pela longínqua região acreana, quando, apenas há cerca de meio século da sua incorporação ao nosso país, ainda pairava no desconhecimento de muitos brasileiros. ●